

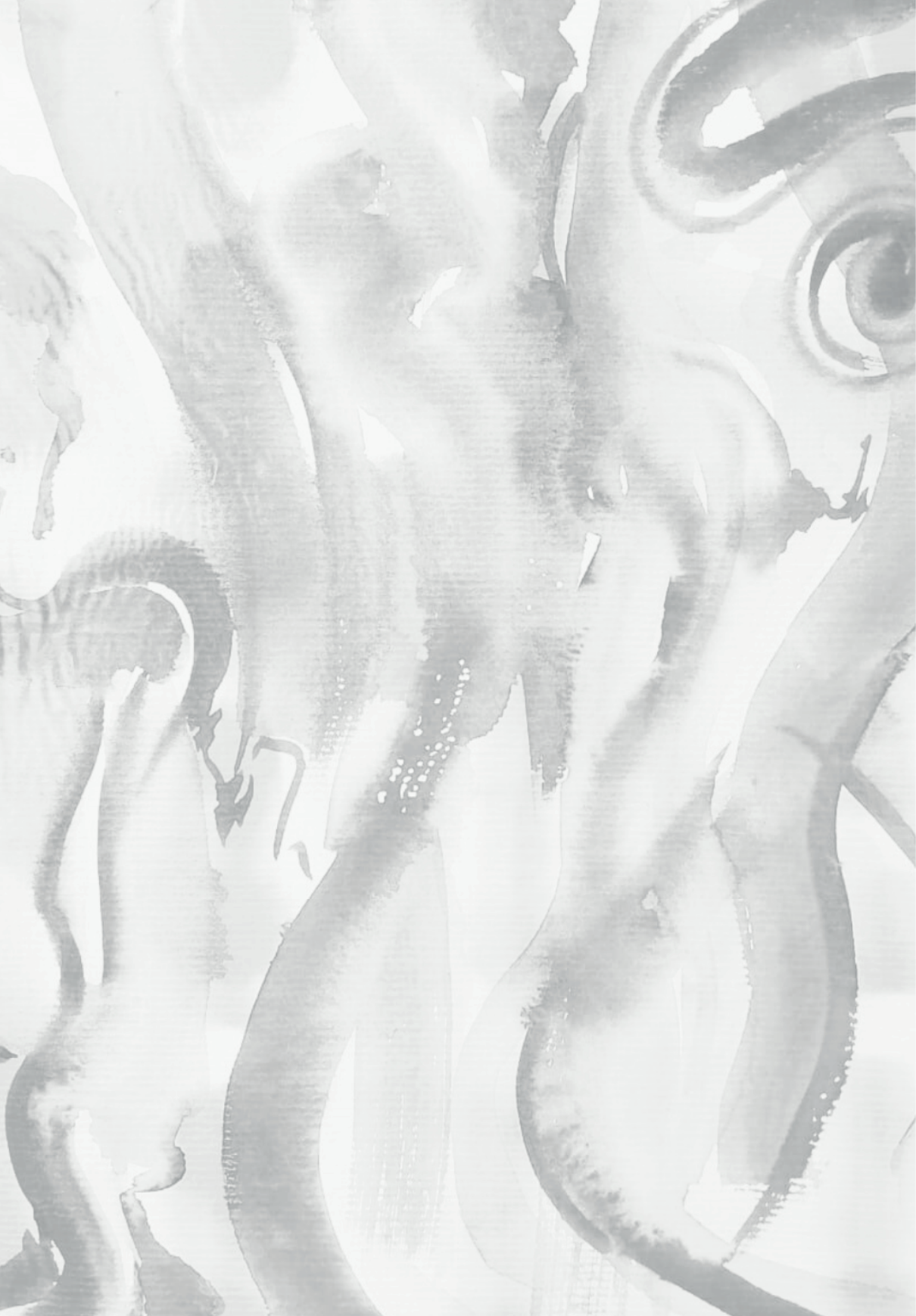
## Capítulo 17

# DAS RUAS DA FAVELA ÀS FILEIRAS DA FORÇA AÉREA

**Beatriz Santos de Jesus Gonçalves (CBNB)**



"A educação foi minha armadura, a persistência foi minha espada. E com essas duas armas, enfrentei todos os desafios que tentaram me parar."



## **DAS RUAS DA FAVELA ÀS FILEIRAS DA FORÇA AÉREA**

### **A Cidade de Deus: Onde Sonhos Nasciam e Morriam**

A Cidade de Deus sempre foi mais do que um bairro periférico do Rio de Janeiro. Para quem via de fora, era apenas mais uma favela marcada pela violência, pela pobreza e pela escassez de oportunidades. Mas, para mim, era minha casa. Era onde minha infância aconteceu entre brincadeiras na rua, cheiro de café coado pela manhã e o barulho das máquinas de costura no quintal da minha avó.

Ali, os sonhos nasciam todos os dias, mas muitos morriam cedo demais. Eu via meninos que eram inteligentes e bons atletas, mas que nunca tiveram um caderno decente para escrever. Via meninas que adoravam ler e que, se tivessem acesso à educação, poderiam ser escritoras, professoras, advogadas. Mas os sonhos pareciam grandes demais para que essas histórias florescessem e apesar do nome, parecia que Deus já não habitava mais naquele lugar.

Na Cidade de Deus, a vida e a fome cobram pressa. O tempo não perdoa quem demora a escolher um rumo. Para muitas pessoas ao meu redor, os caminhos já estavam traçados: começar a trabalhar cedo, largar os estudos, aceitar o que aparecesse ou se deixar seduzir pelos encantos do tráfico. Quem tentava algo diferente era visto com desconfiança, como se estivesse desperdiçando tempo ou sonhando alto demais.

Meus avós desempenharam um papel central na minha vida. Eles eram pessoas simples, mas sábias e extremamente comprometidas com a educação. Durante a minha infância, minha mãe, que trabalhava muito, deixava-me sob os cuidados dos meus avós. Foram eles que, com muito carinho e paciência, ensinaram-me a importância de estudar, de sonhar grande e de nunca desistir, independentemente das circunstâncias. Eles acreditavam que, através da educação, seria possível superar qualquer barreira, e transmitiram esse valor de forma prática.



Senhora Jorgina e S. Ataíde, avós da Beatriz

Meu avô, um homem com pouca formação acadêmica, mas com uma imensa sabedoria de vida, costumava me dizer frequentemente: “Estuda, neguinha.” Ele trabalhava em dois empregos, dedicando-se incansavelmente para sustentar sua família, que incluía sete filhos e três netas. Apesar das dificuldades financeiras ele nunca negou comida a quem precisasse. Além de ser uma referência de autoridade, meu avô era também um exemplo de carinho e amor, sempre presente em nossas vidas até o seu último dia.

Minha avó tinha um coração gigante e dedicou sua vida ao cuidado da família. Ela trabalhava em casa como costureira e fez questão de ensinar a arte da costura aos seus filhos e às suas netas, transformando essa habilidade na profissão de muitas delas. Além de complementar a renda do marido, cuidava com dedicação das tarefas do lar tornou-se uma verdadeira referência na comunidade quando se tratava da educação da sua família. Sempre firme e fiel aos seus valores, colocava todos para trabalhar desde cedo, pois era uma estratégia de manter-nos afastados da sedução da criminalidade, em uma época onde a informação era escassa, ensinou-nos a importância do esforço, da responsabilidade e da honestidade, mas sem nunca abrir mão dos estudos. Para ela, a educação era essencial, e ninguém em sua casa deixava de ir à escola. Seu legado, marcado por amor, disciplina e força, favoreceu a união de nossa família e cada membro contribuiu com a minha formação deixando uma marca profunda em gerações.

## O Peso da Realidade e o Poder da Escolha

A Cidade de Deus, assim como muitas favelas do Rio de Janeiro, carrega uma história repleta de desigualdades sociais e dificuldades estruturais. A presença constante do tráfico de drogas e a violência que permeiam as ruas dificultam o acesso a políticas públicas, educação e opções de lazer. Crescer nesse ambiente impõe desafios, mas também é um terreno fértil para o desenvolvimento da resiliência, criatividade e, inevitavelmente, para presenciar os efeitos das escolhas no mundo do tráfico. Desde a juventude, percebi a escassez de oportunidades ao meu redor, em grande parte devido ao preconceito relacionado ao lugar onde cresci e à minha identidade como mulher negra. Logo, entendi que somente aqueles que se destacavam de alguma forma conseguiam superar as barreiras e construir um futuro diferente.

Apesar da dureza do ambiente, os valores e princípios que recebi em casa, principalmente de meus avós, nunca foram abalados pelas dificuldades externas. Eles me ensinaram a ver a violência que nos cercava não como um modelo a ser seguido, mas como uma advertência das consequências de escolhas erradas. Eles eram minhas referências, sempre me mostrando que, mesmo em um contexto adverso, fazer o que é certo é essencial para alcançar objetivos e trilhar um caminho distinto.



Foto na E.M. Monsenhor Cordoli.

Ainda assim, estudar se tornou um ato de resistência. Vi colegas abandonando a escola por necessidade de trabalhar ou por não enxergarem sentido em continuar. Mas, dia após dia, fui me apegando aos estudos como se fosse um bote salva-vidas. O barulho dos tiros, que às vezes ecoava em plena luz do dia, não me impediu de ir em busca dos meus objetivos. O can-

saço e as palavras de quem duvidava que eu chegaria a algum lugar não me pararam. Porque, no fundo, eu sabia que havia algo além dos muros da minha comunidade, e estava disposta a lutar para chegar lá e orgulhar meus familiares.

## Sonho da Universidade

Desde pequena, estudar sempre foi o meu refúgio. Entre as páginas de um livro, eu viajava para lugares distantes, conhecia histórias que iam além das ruas da Cidade de Deus e, por alguns instantes, acreditava que o mundo era maior do que aquilo que me cercava. No entanto, gostar de estudar e ter as condições para isso eram realidades bem diferentes.

A resposta parecia óbvia: eu queria fazer faculdade. Queria aprender mais, aprofundar-me no que tanto amava. Mas eu sabia que não seria simples. Sempre estudei em escolas públicas, e na minha família, ninguém jamais havia pisado em uma universidade. O dinheiro era contado nos mínimos detalhes, pagar por um curso superior era um luxo impensável e era impossível adequar a grade de uma instituição pública ao meu trabalho.

Ser universitária e ser pobre são dois mundos que se chocam a cada dia. O romantismo de “mudar de vida pelo estudo” se desfaz quando você percebe que a educação, embora um direito, transforma-se em privilégio quando não há estrutura para garantir que todos possam acessá-la da mesma forma. E mesmo assim, a vontade de seguir em frente era maior.

Casei aos 18 anos, passei a morar em outro bairro, tive meu filho aos 19 e, nesse cenário de desafios, iniciei minha primeira graduação em Pedagogia como bolsista depois de ser aprovada num processo seletivo rigoroso. O dinheiro, como sempre, era contado: a passagem de ônibus precisava durar o mês todo, e muitas vezes eu caminhava longos trechos para economizar. Mas, como dizia Guimarães Rosa:

*“A vida embrulha tudo, esquentando e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”*

E foi com coragem que segui em frente, sendo a primeira da minha família a conquistar o sonho da universidade, marcando definitivamente a minha geração, mas sentia falta de, além de representar minha comunidade, representar o meu país e tive vontade de ingressar na Força Aérea Brasileira.

## A Jornada até a Força Aérea Brasileira

O processo seletivo para a Força Aérea foi um dos maiores desafios que já enfrentei. Era como uma corrida de resistência, a qual cada fase eliminatória era uma barreira que me separava do meu objetivo. A concorrência era esmagadora. Candidatos altamente preparados, vindos de realidades completamente diferentes da minha, disputavam cada vaga com dedicação absoluta.

Eu sabia que não seria fácil. Mas, para alguém como eu, nada nunca foi.

Quando fui aprovada na primeira fase, não acreditei de imediato. Li meu nome na lista diversas vezes, como se esperasse que ele desaparecesse a qualquer momento. Quando finalmente caiu a ficha eu chorei. Chorei por tudo o que passei até ali, por cada noite mal dormida, por cada dúvida que me assombrou no caminho. Parecia surreal.

Mas aquele momento de comemoração durou pouco.

O mais difícil ainda estava por vir.

A fase de inspeção de saúde e os testes físicos me assustavam. Nunca fui atleta, nunca tive tempo para esportes. Minha rotina sempre foi dividida entre estudos e trabalho, e frequentar uma academia nunca foi uma possibilidade real. Eu não tinha o condicionamento exigido e sabia que, se não me preparasse, poderia perder tudo o que já havia conquistado.

Então, fiz o que sempre fiz diante das dificuldades: lutei.

Nos meses seguintes, adaptei completamente minha rotina para conseguir treinar, esperava meu esposo chegar do trabalho para correr. Cada gota de suor era um lembrete do que estava em jogo e por ter apenas uma vaga eu sabia que não poderia falhar.

No dia da última etapa, acordei antes do despertador, com o coração acelerado e o frio na barriga. Olhei no espelho e vi a garota da Cidade de Deus, pronta para enfrentar mais um desafio. Respirei fundo e pensei:

*“Se cheguei até aqui, não vou parar agora.”*

E não parei. Cada passo era uma vitória minha e da minha comunidade, provando que é possível superar as barreiras e conquistar nossos sonhos. Em todo esse processo, Deus sempre esteve comigo, dando-me forças e confiança, guiando meus passos e me lembrando da minha fé. Ele foi meu alicerce, minha luz nos momentos mais difíceis, e me fez acreditar

que a vitória estava ao alcance.

Quando o resultado foi divulgado e vi meu nome entre os aprovados, senti como se minha vida tivesse dado um salto. Não era só um nome em uma lista. Era a prova de que eu era capaz. De que toda a minha trajetória, cada renúncia, cada noite de estudo, cada dia de luta, tinha valido a pena.

Eu tinha conseguido.

Eu estava dentro da Força Aérea Brasileira.



Beatriz e seus filhos Gabriel e Lucas na cerimônia de promoção.

## **A Educação Como Caminho: Minha Trajetória no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB)**

Os primeiros meses na Força Aérea foram intensos. O universo militar exigia mais do que conhecimento acadêmico. Tudo era novo, e eu sentia o peso da responsabilidade que vinha com o uniforme. Não bastava apenas saber, era preciso agir com firmeza, falar com segurança, pensar rápido e sempre estar pronta para aprender.

Minha primeira designação foi para o Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), uma das instituições de ensino mais respeitadas dentro da Força Aérea Brasileira. A cada passo pelos corredores da escola, eu sentia que aquele era o meu lugar. Eu, que cresci estudando em escolas públicas, agora estava dentro de uma instituição que formava cidadãos preparados para servir ao país.

Fui designada para atuar na coordenação pedagógica, um desafio que exigia muito mais do que conhecimento técnico. Trabalhar na educação dentro de uma estrutura militar era entender que formar alunos ia além de

ensinar conteúdos programáticos: era moldar caráter, ensinar valores, incentivar disciplina e preparar jovens para desafios que ultrapassam os limites da sala de aula.

Foi ali, entre planejamentos, reuniões e desafios diários, que compreendi o verdadeiro impacto da educação.

*“A educação não é um ato de depositar conhecimento em alguém, mas um processo que liberta.” Paulo Freire*

E eu via isso todos os dias. Quando um aluno entendia algo que antes parecia impossível. Quando um jovem inseguro ganhava confiança. Quando uma turma se formava sabendo que estava pronta para encarar o mundo.

Minha trajetória no CBNB não parou ali. O trabalho na coordenação pedagógica abriu portas para um desafio ainda maior: a gestão escolar. Assumir um cargo de gestão dentro da Divisão de Ensino da Força Aérea foi um divisor de águas na minha trajetória. Agora, eu não apenas auxiliava na implementação de projetos educacionais, mas ajudava a definir diretrizes pedagógicas, apoiar professores, mediar conflitos e garantir que cada aluno tenha acesso a um ensino de excelência. É uma responsabilidade imensa. Cada decisão tomada impacta diretamente na vida e formação de centenas de estudantes.

Eu carrego comigo o apoio incondicional dos meus familiares, a força dos meus amigos, o amor dos meus filhos e o companheirismo do meu marido. São essas pessoas que me sustentam e me motivam a seguir em frente todos os dias. Eu carrego a sabedoria dos professores das escolas públicas, que me ensinaram que a educação é a chave para transformar realidades e que o conhecimento é um direito de todos. Eu carrego a resiliência da menina que cresceu com desafios, mas com uma determinação imensa de buscar aprender e crescer, mesmo sem recursos, mas com uma sede incansável por conhecimento. Eu carrego o orgulho dos meus avós, que, embora não tenham tido acesso à educação formal, sempre souberam que a educação seria o caminho para uma vida melhor. Ser parte da Força Aérea significava mais do que ter um cargo. Significava ter uma missão. E eu sabia que minha missão era muito maior do que ensinar. Minha missão era provar, todos os dias, que a educação tem o poder de transformar destinos. Assim como transformou o meu.



Beatriz e seu marido Raphael comemorando o aniversário de casamento.

### **De Onde Vim, Para Onde Vou**

Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto percorri. Vejo a menina de pés descalços que corria pelas ruas da Cidade de Deus, desviando dos buracos no asfalto e dos olhares descrentes de quem não acreditava que dali pudesse sair algo grandioso. Vejo a estudante que, com a mochila surrada nas costas e os livros emprestados debaixo do braço, cruzava a cidade de ônibus lotado, vencendo o cansaço e as dificuldades para assistir a cada aula.

E, acima de tudo, vejo a mulher que se recusou a ser definida pelas circunstâncias. A mulher que, com coragem e determinação, enfrentou cada obstáculo sem nunca perder de vista seu objetivo. Hoje, essa menina, que saiu da escola pública e teve que provar seu valor inúmeras vezes, veste o uniforme da Força Aérea e ocupa um cargo de gestão em uma das principais instituições de ensino militar do país.

Sei que minha história não é apenas minha. Ela é a história de tantas outras crianças que crescem ouvindo que sonham alto demais, que seu lugar já está predestinado, que o mundo não foi feito para elas. Mas eu sou a prova de que isso não é verdade. Sou a prova de que a educação não é apenas um direito ela é uma arma, um escudo, um caminho. Ela me tirou do lugar onde diziam que eu deveria ficar e me levou para onde eu nem imaginava.

Isaías 55:9 diz: “Assim como os céus são mais altos do que a terra, assim os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos”

Se um dia eu puder deixar um legado, que seja esse: o de provar que a educação transforma, empodera, salva. E eu sou a prova viva disso. E se me perguntarem de onde eu vim, direi que vim de um lugar onde os sonhos nascem, mas também onde muitos morrem cedo demais. E se me perguntarem para onde eu vou, direi: para onde eu quiser. Porque ninguém além de Deus pode determinar minha trajetória.

